

Projeto Fundo Global TB – Brasil - 15.07.2011

Luta contra a TB perde entusiasta

Faleceu no último dia 2, sábado, o pneumologista Fernando Augusto Fiuza de Melo, diretor do Instituto Clemente Ferreira (ICF), Centro de Referência ambulatorial do estado de São Paulo para diagnóstico e tratamento de tuberculose e outras doenças pulmonares. À frente do ICF, também liderou a equipe especializada em tuberculose multirresistente e integrou o Comitê Técnico Assessor do Programa Nacional de Controle da Tuberculose (PNCT).

O pneumologista foi um dos primeiros médicos brasileiros que veio a público alertar sociedade e governo através de jornais e revistas dos riscos e do crescimento da tuberculose num período em que o senso comum era de que a doença estaria controlada. Desde a década de 50, com a adoção do regime padrão para tratamento da tuberculose com o uso articulado de vários medicamentos (estreptomina, da isoniazida e rifamicina, entre outras) que reduziram o tempo de tratamento e aumentaram a cura, difundia-se a falsa idéia de que a doença estaria controlada. Em 70, acreditava-se que a doença estaria extinta nos países desenvolvidos já em 2000. Mas o número de casos continuava a crescer aliado a expansão da epidemia da AIDS e aumento dos casos de multirresistência às drogas utilizadas no tratamento da tuberculose.

Fiuza criticava a abordagem da doença adotada até então no Brasil de auto-administração dos medicamentos por parte dos pacientes, que resultava em recorrentes abandonos. Para reverter este cenário, foi um dos principais defensores do tratamento diretamente observado (TDO) para evitar o abandono ao tratamento e suas consequências. Para isso, defendia também a reestruturação da rede pública de assistência básica para a efetivação desse tipo de abordagem. A estratégia DOTS, como é conhecida internacionalmente (do inglês Directly Observed Treatment Short-course), foi adotada no país em 1998.

Neto de portugueses que chegaram ao Brasil no início do século XX, Fernando Fiuza nasceu em 1945 em Belém do Pará, caçula dos cinco filhos de um contador e de uma costureira.

Dois dias antes da edição do AI-5, em 1968, formou-se médico pela Escola de Medicina da Universidade Federal do Pará, onde havia ingressado no movimento estudantil. Enquanto líder universitário que presidiu a União Acadêmica Paraense e atuou também na Juventude Universitária Católica (JUC) e na Ação Popular, refugiou-se da repressão política na Amazônia, na região do Araguaia, onde permaneceu por dois anos trabalhando como agricultor e mascate.

Em 1970, retornou ao Nordeste ainda na clandestinidade, vivendo primeiramente em Recife e depois em Teresina, até 1974 quando foi preso e torturado. Foi solto quase oito meses depois quando conseguiu reaver seu diploma de médico para voltar a clinicar.

“Em minha vida, eu produzi coisas que pudessem colaborar com a sociedade (...) Não estou satisfeito, ainda quero produzir mais, quem sabe ajudar na erradicação da tuberculose”, em depoimento ao Museu da Pessoa.

Coluna Obituário da Folha de São Paulo

Conhecia a tuberculose pelo cheiro, por Estêvão Bertoni, de São Paulo

O paraense Fernando Augusto Fiuza de Melo, doutor em pneumologia pela Unifesp, dizia ter aprendido tanto sobre a tuberculose que conseguia sentir seu cheiro. O odor, contava, era parecido com o de roupa mofada.

Tisiologista (médico especialista em tuberculose) trabalhou nos últimos 35 anos no Instituto Clemente Ferreira, sete deles como diretor.

Fernando só conseguiu exercer a medicina sete anos após concluir a faculdade. Líder estudantil e militante da Ação Popular formou-se dois dias antes do AI-5, o ato que endureceu a ditadura em 1968. Quando foi pegar o diploma, soube que estava sendo procurado.

Já casado com a agrônoma Maria Margarida, fugiu e passou a viver na clandestinidade como agricultor e mascate na zona do Araguaia. Depois, foi para o Nordeste, onde trabalhou como publicitário.

Em 1974, acabou preso com a mulher e o filho pequeno que foi enviado a Belém para ficar com um tio. Passou nove meses na cadeia e, no período, sofreu torturas.

Após ser solto, conseguiu resgatar o diploma. Em 1975, mudou-se para São Paulo, especializou-se em pneumologia e passou no concurso para tisiologista do Estado.

Chegou a se engajar na luta pelas Diretas, mas depois se decepcionou com a política partidária e largou a militância. Seguiu só com a medicina, paixão que a mulher, brincando, chamava de rival.

Seus três filhos foram batizados com codinomes usados por antigos companheiros seus: Raul, Renato e Roberto. Teve ainda um neto.

Sofria de câncer. Morreu no domingo (dia 10 de julho de 2011), aos 66 anos.

coluna.obituário@uol.com.br

Agência FAPESP - Notícias - 15/07/2011

<http://agencia.fapesp.br/14185%23.TiAipFxxvml.printfriently>

Morre Fernando Fiuza de Melo

Agência FAPESP – Faleceu na manhã de 10 de julho o médico pneumologista Fernando Augusto Fiuza de Melo.

Diretor do Instituto Clemente Ferreira, da Coordenadoria de Controle de Doenças da Secretaria Estadual de Saúde do Estado de São Paulo, Fiuza de Melo era natural de Belém do Pará e dedicou sua carreira à pesquisa do tratamento da tuberculose.

Nascido em 1945, o pesquisador se formou em 1968 pela Escola de Medicina da Universidade Federal do Pará (UFPA). Em 1975, realizou estágio em pneumologia na Escola Paulista de Medicina (EPM), em São Paulo, em que despertou seu interesse pelo acompanhamento de pacientes com tuberculose.

Em 1978, Fiuza de Melo foi aprovado em um concurso público para o Instituto Clemente Ferreira, do qual foi diretor nos últimos sete anos, para atuar como médico fisiologista e no Serviço de Doenças Respiratórias do Hospital do Servidor Público Estadual (HSPE).

O médico pneumologista era membro ativo de uma equipe de pesquisadores denominada Grupo de Tuberculose Multirresistente, realizando estudos relevantes que estabeleceram um esquema terapêutico focado em pacientes não responsivos ao tratamento convencional prescrito para a doença.

Fiuza de Melo deixou esposa, três filhos e netos. Seu corpo foi cremado no Crematório da Vila Alpina, na segunda-feira (11/07).

A missa de sétimo dia será celebrada no próximo sábado (16/07), às 17h, na Capela do Instituto Meninos de São Judas, situada na Av. Itacira, nº 2801, em São Paulo.

DIÁRIO DE S. PAULO - Domingo / 17 de julho de 2011

MINUTO DE SILÊNCIO

Fernando Augusto Fiuza de Melo (1945 - 2011)

Médico torturado pela ditadura

A medicina e a militância política dividiram a vida de Fernando Augusto Fiuza de Melo. Nascido em Belém (PA), formou-se em 1968 na Escola de Medicina da Universidade Federal do Pará, em uma turma na qual muitos fizeram política estudantil. Foi liderança universitária, presidente da União Acadêmica Paraense, atuante na JUC (Juventude Universitária Católica) e membro da Ação Popular.

A sua formatura foi em 11 de dezembro de 1968, dois dias antes do AI-5 (Ato Institucional número 5), que fechou o Congresso e suprimiu liberdades políticas e civis. Melo, sabendo que seria preso a qualquer momento, fugiu para a Amazônia. Trabalhou como pequeno agricultor e mascate, vendendo remédios porque não tinha conseguido obter o diploma de médico. Em seguida foi para o Nordeste, onde trabalhou como publicitário.

Em abril de 1974, foi preso em Teresina (PI). Submetido a diversas sessões de tortura, foi solto no final do ano. Depois de sofrer perseguição política, decidiu se dedicar com mais intensidade à medicina. Em São Paulo, tornou-se doutor em pneumologia pela atual Unifesp (Universidade Federal de São Paulo). Chegou a se engajar na luta pelas Diretas Já, mas depois se decepcionou com a política partidária e largou de vez a militância. Era considerado um dos maiores especialistas em doenças respiratórias em São Paulo.

Seus três filhos foram batizados com codinomes usados por antigos companheiros: Raul, Renato e Roberto. Teve ainda um neto. Morreu no dia 10, de câncer, aos 66 anos.
